

FRONTEIRAS E ATRAVESSAMENTOS: EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS DE HAITIANOS EM TIJUANA, MÉXICO¹

JESUS, Alex Dias de²

Recebido (Received): 19-02-2019 Aceito (Accepted): 21-05-2019

DOI:

Como citar este artigo: JESUS, A. D. de. Fronteiras e atravessamentos: experiências migratórias de haitianos em Tijuana, México. **Formação (Online)**, v. 26, n. 49, p. 85-105, 2019.

Resumo

Este artigo analisa as trajetórias e estratégias de trânsito de haitianos que saíram do Brasil, empreenderam novas migrações em direção aos Estados Unidos entre os anos de 2016 e 2017 e que atualmente residem na cidade mexicana de Tijuana. Impactados pela desaceleração econômica vivenciada pelo Brasil a partir de 2015, muitos haitianos perderam seus empregos e decidiram refazer seus projetos migratórios atravessando fronteiras terrestres de diversos países tentando ingressar nos Estados Unidos antes do término do governo de Barack Obama e início do governo de Donald Trump. Entretanto, muitos desses migrantes foram impossibilitados de cumprir seu objetivo frente às mudanças na política migratória estadunidense e passaram a residir no estado mexicano da Baja Califórnia, em cidades da fronteira com os Estados Unidos. A metodologia utilizada baseou-se em revisão bibliográfica e em doze entrevistas realizadas com haitianos e membros de associações de apoio aos migrantes em Tijuana, durante os meses de novembro e dezembro de 2018.

Palavras-chave: Migração haitiana. Fronteiras. Tijuana.

BORDERS AND CROSSINGS: HAITIANS MIGRATORY EXPERIENCES IN TIJUANA, MEXICO

Abstract

This article examines the trajectories and traffic strategies of Haitian nationals who have left Brazil, and undertaken new migrations to the United States between the years of 2016 and 2017 and who currently reside in the Mexican city of Tijuana. Affected by the economic downturn experienced in Brazil from 2015 onwards, many Haitians lost their jobs and decided to remake the migration projects crossing borders of several countries attempting to enter the United States before the end of Barack Obama's administration and the introduction of Donald Trump's government. Nonetheless, many of themigrants were unable to fulfill their proposed goals facing up to changes in US migration policy and currently reside in Baja California State, in the cities which border the United States. The methodology used was based on a bibliographical review and twelve interviews with Haitians and the members of migrants support associations in Tijuana during the months of November and December 2018.

Keywords: Haitian migration. Borders. Tijuana.

FRONTERAS Y CRUCES: EXPERIENCIAS MIGRATORIAS DE HAITIANOS EN TIJUANA, MÉXICO

Resumen

Este artículo analiza las trayectorias y estrategias de tránsito de haitianos que salieron de Brasil, emprendieron nuevas migraciones hacia los Estados Unidos entre los años 2016 y 2017 y que actualmente residen en la ciudad mexicana de Tijuana. Impactados por la desaceleración económica vivida por Brasil a partir de 2015, muchos haitianos perdieron sus empleos y decidieron rehacer sus proyectos migratorios atravesando fronteras terrestres de diversos países intentando ingresar en Estados Unidos antes del término del gobierno de Barack Obama e inicio

¹ Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/2018), desenvolvido na Universidad de Guadalajara.

² Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí e doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: alexdias@ifpi.edu.br

del gobierno de Donald Trump. Sin embargo, muchos de esos migrantes no pudieron cumplir su objetivo frente a los cambios en la política migratoria estadounidense y pasaron a residir en el estado mexicano de Baja California, en ciudades de la frontera con Estados Unidos. La metodología utilizada se basó en revisión bibliográfica y en doce entrevistas realizadas con haitianos y miembros de asociaciones de apoyo a los migrantes en Tijuana durante los meses de noviembre y diciembre de 2018.

Palabras clave: Migración haitiana. Fronteras. Tijuana.

1 Introdução

Este artigo propõe analisar as experiências migratórias de haitianos que se deslocaram de países sul-americanos para o México, na tentativa de ingressar nos Estados Unidos, entre os anos de 2016 e 2018. As narrativas dos migrantes lançam luz na compreensão dos regimes fronteiriços na América Latina, bem como nas estratégias de mobilidade desenvolvidas por eles em diversos países. A metodologia baseou-se em revisão bibliográfica e entrevistas com migrantes e membros de associações de apoio, realizadas no México durante o ano de 2018.

Após estadias em países da América do Sul, principalmente Brasil e Chile, em 2016, milhares de haitianos chegaram a Tijuana, no estado mexicano da Baixa Califórnia, com a esperança de entrarem nos Estados Unidos, beneficiados pelo Status de Proteção Temporal [*Temporary Protected Status*] (TPS)³. Diferente de outros numerosos grupos que cruzam o México com o mesmo objetivo, como os salvadorenhos e hondurenhos, os haitianos já haviam acumulado na sua trajetória migratória recente experiências mal sucedidas em outros destinos, principalmente no Brasil. Depois de viagens que duraram até meses e articuladas quase sempre por mensagens de celular, esses migrantes bateram à porta da potência norte-americana.

Após meses em trânsito por diversos países, expostos à diversas formas de abusos e extorsões pelo caminho, cerca de 20 mil haitianos entraram no México entre os anos de 2016 e 2017. Seguindo os passos de outros migrantes que já faziam essas travessias anos antes, os haitianos guiavam-se pelas redes sociais, por onde circulavam informações sobre os trajetos, os obstáculos e as formas de contorná-los. O uso do celular, sobretudo do aplicativo WhatsApp, tornou-se uma ferramenta fundamental para obter informações de migrantes anteriores a fim de diminuir os custos e riscos das viagens.

Orientados por essas informações, milhares de haitianos chegaram ao estado mexicano da Baja Califórnia a partir de março de 2016 com a esperança de obterem a acolhida humanitária baseada no TPS. Diante do aumento do número de entradas indocumentadas, em setembro

³ O TPS é um programa migratório, criado em 1990 pelo governo dos Estados Unidos, que concede permissão extraordinária para entrada e permanência de pessoas de outros países afetados por conflitos armados e desastres naturais.

daquele ano, o governo de Barack Obama anunciou a suspensão de novas admissões e o início de deportações em caso de entrada indocumentada. Essa decisão interrompeu os planos dos haitianos e desde então cerca de 4 mil permanecem nas cidades fronteiriças de Tijuana e Mexicali.

Adicionalmente, em 20 de novembro de 2017, o Governo de Donald Trump decidiu pôr fim ao TPS para os haitianos, dando um prazo de dezoito meses para que mais de 58.000 beneficiários voltem ao Haiti ou busquem outra alternativa de permanência. Desde 2010, após o terremoto, dezenas de milhares de haitianos receberam o aval para viver nos Estados Unidos e agora devem pensar nas estratégias futuras. “A solução volta a ser a de sempre: submeter-se nas sombras, passar para a irregularidade e incrementar o número de migrantes indocumentados que provêm das Américas” (DURAND, 2017, p. 2).

Ao que parece, a migração haitiana segue seu movimento de atravessamento de fronteiras e contornamento das barreiras, ampliando o espaço transnacional do país por meio das redes transnacionais de migrantes ou campos sociais transnacionais, como sugere Glick-Schiller e Fouron (1999).

A maneira como os migrantes haitianos desenvolvem suas relações familiares, econômicas, políticas e de toda ordem, transcende as fronteiras em relações mais complexas que a origem e o destino, a saída e a chegada, mas incorpora múltiplos espaços por meio de relações familiares e de conterraneidade. O México é um desses novos espaços e por esse motivo interessa-nos analisar as trajetórias de haitianos que, após um intenso e difícil processo de atravessamento de muitas fronteiras, encontram-se impedidos de ingressar no destino prioritário dos seus projetos migratórios – os Estados Unidos.

2 Redes sociais e migração haitiana

Embora as migrações sejam parte constitutiva da história da humanidade e os deslocamentos populacionais tenham marcado em grande medida o desenvolvimento de sociedades diversas, nas últimas décadas, o papel que a circulação de informações e recursos lança sobre esse fenômeno ganha destaque, acrescentando maior fluidez e complexidade. O desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte propiciaram ferramentas que contribuíram para acelerar o deslocamento de pessoas ao redor do mundo. De acordo com a Organização Internacional das Migrações (OIM, 2018), o número de migrantes internacionais passou de cerca de 84 milhões em 1970 para mais de 243 milhões em 2015, representando, respectivamente, 2,3% e 3,3% da população mundial.

A obtenção de informações acerca dos destinos, bem como das rotas e dos possíveis obstáculos, contribui na diminuição dos custos e riscos da migração, sobretudo da migração indocumentada e ajuda a criar estratégias de contornamento diante das barreiras impostas à mobilidade. Os transportes deslocam cada vez mais pessoas e ampliam as conexões entre lugares de origem e destino dos migrantes, principalmente para aqueles que podem pagar. Em suma, a tecnologia atravessou e reconfigurou as migrações e criou bases para que os fluxos de informações, recursos, mercadorias e pessoas se intensificassem.

Esse cenário facilitou a circulação de informações e a ampliação das redes sociais, cada vez mais presentes nas migrações. Em geral, as redes sociais contribuem para diminuir os custos de uma nova migração à medida que informações e recursos são transferidos entre migrantes e não migrantes, entre lugar de destino e origem. As formas e graus de disseminação das informações podem variar muito dependendo do contexto e, embora sejam mais frequentes nas relações familiares e de vizinhança, não se restringem a elas. Não é a distância o fator preponderante nesse processo e sim a densidade das relações sociais. Isso significa que as informações que são repassadas em um povoado podem variar de vizinho para vizinho e o mesmo pode acontecer no interior de uma família.

A informação não é, portanto, a mesma para todos os vizinhos ou conterrâneos do povoado, nem necessariamente se transmite de vizinho a vizinho, porque os canais através dos quais passam são as relações sociais fortes que prescindem da distância e portanto da frequência dos contatos (RAMELLA, 1995, p. 20) [Tradução nossa].

Em síntese, não há redes sem fluxos e não há redes sociais sem informações. As redes sociais presentes nos processos migratórios são constituídas de laços interpessoais que conectam migrantes atuais, migrantes anteriores e não migrantes em áreas de origem e destino através de laços de parentesco, amizade ou de pertencimento à uma comunidade (MASSEY *et al.*, 2008). No contexto das migrações contemporâneas, grande parte das informações circulam por meio de ferramentas de comunicação virtuais, como os aplicativos de celular. A velocidade com que as informações circulam ganham abrangência e efeitos nunca vistos antes.

Por meio das redes sociais nos processos migratórios não circulam apenas informações, mas também recursos que não raras vezes se convertem em capitais e ampliam os laços entre migrantes e sociedade de origem, como acontece com as remessas de migrantes para financiamento de um negócio familiar. Às vezes, os fluxos que transitam por essas redes sociais passam a viabilizar novas migrações e elas transformam-se em redes migratórias. Isso significa que a rede migratória é um tipo específico de rede social orientada para tornar possível a migração.

Assim, a teia de relações sociais interligadas, mantida por um conjunto de expectativas mútuas e de comportamentos determinados, que apoia o movimento de pessoas, bens e informações, que une migrantes e não migrantes, que liga comunidades de origem a lugares específicos das sociedades de destino, constitui a rede migratória (SOARES, 2017, p. 613).

Para os primeiros migrantes de uma determinada região, a migração tende a ser mais custosa, especialmente quando se trata de migração indocumentada (MASSEY *et al*, 2008). Sem contar com apoio de familiares e amigos nos locais de destino, os migrantes pioneiros de um fluxo geralmente encontram mais dificuldades de inserção já que dispõem apenas de esforços individuais. Quando as informações e recursos se dirigem a potenciais migrantes, os custos e os riscos de uma nova migração tendem a diminuir já que se amplia o capital social. Desse modo, cada novo migrante reduz o custo da migração subsequente de um conjunto de amigos e familiares (MASSEY *et al*, 2008).

As discussões elaboradas por Soares (2017) e Massey *et al* (2008), das quais nos valem para nossa proposta, estão orientadas para pensar processos migratórios entre origem e destino, com destaque para o papel das redes sociais na inserção dos migrantes nas sociedades receptoras. No caso das migrações haitianas que estamos analisando, há que se incorporar os espaços de trânsito, profundamente influenciadores do processo, já que, grande parte das informações são adquiridas e utilizadas durante as viagens, inclusive reconfigurando as rotas e estratégias de atravessamento. As tecnologias de comunicação virtual têm sido amplamente utilizadas pelos migrantes haitianos em seus recorridos pelo continente americano atribuindo novos significados às redes e ampliando sua influência.

Com diferentes enfoques, o papel das redes sociais na continuidade da migração haitiana já foi analisado por vários autores em diversos países. No Equador, Alarcón (2017) analisou as redes de apoio das associações haitianas em um contexto de trânsito para o Brasil. No Peru, Nieto (2014) pôs ênfase nas redes sociais na formação de um espaço transnacional e Setién (2017) abordou as redes de tráfico de pessoas. No Chile, Pedemonte, Amode e Vásquez (2017) investigaram a possibilidade da formação de redes migratórias em Santiago e no Brasil, Jesus (2017) destacou o papel das redes sociais na dispersão dos haitianos no estado do Mato Grosso do Sul.

Tratando-se da migração haitiana do Brasil ao México, os trabalhos de Garbey-Burey (2017) e Durand (2016) indicam o uso intensivo dos aparelhos celulares como ferramentas fundamentais para a obtenção de informações e estabelecimento de estratégias de atravessamento de fronteiras. “Há rotas estabelecidas, mas estas podem mudar de maneira

imediate com uma simples mensagem que chega ao celular. Por meio do celular uma intrincada rede social se mobiliza pelo continente, desde o Brasil até Tijuana” (DURAND, 2016, p. 1) [Tradução nossa]. Cada vez mais, informações sobre os perigos, custos e contatos estratégicos circulam por essas ferramentas. Por esse motivo, acreditamos que o uso do conceito de redes sociais e suas novas configurações é útil na análise dos deslocamentos atuais de haitianos, pois lança luz sobre as estratégias de trânsito, além do destino e origem.

3 Cruzando fronteiras pela América Latina

No Brasil, os números de entradas de migrantes foram crescentes até o ano de 2015. A partir de 2016 esses números decresceram, em resposta à diminuição dos postos de trabalho em setores de grande empregabilidade da mão de obra migrante, como a construção civil. Os haitianos, que desde 2013 se conformavam como o maior grupo de estrangeiros no mercado de trabalho formal brasileiro, foram diretamente afetados pela desaceleração econômica e muitos perderam seus empregos. Em 2016, pela primeira vez, foi registrada uma queda na contratação de haitianos no Brasil (CAVALCANTI *et al*, 2017).

A diminuição nas ofertas de emprego, mas também a pequena expectativa de ascensão social em um mercado de trabalho altamente segmentado e as dificuldades de inserção educacional foram fatores que contribuíram para que muitos haitianos repensassem sua permanência no Brasil e decidissem buscar outro destino. Dessa vez, aquele que desde meados do século XX se configura como a prioridade da migração haitiana, os Estados Unidos.

A escolha dos Estados Unidos como destino está diretamente relacionada com a grande quantidade de haitianos que residem nesse país, o que contribui para a formação de redes sociais entre familiares e amigos capazes de oferecer suporte para novos migrantes. Embora com cifras imprecisas, estima-se em cerca de 1 milhão o número de haitianos e americanos de ascendência haitiana residentes em diversos estados americanos, sobretudo na Flórida (HANDERSON, 2015). Outro fator de estímulo à essa migração é a economia dolarizada, com maior possibilidade realizar remessas para suas famílias no Haiti.

Além disso, os haitianos esperavam ingressar nos Estados Unidos beneficiados pela acolhida humanitária proveniente do Status de Proteção Temporal [*Temporary Protected Status*] (TPS), iniciado para eles em 2010 em virtude das consequências do grave terremoto que atingiu o país em 12 de janeiro daquele ano. Entretanto, diante da crescente entrada de haitianos de maneira indocumentada pelas fronteiras do estado da Califórnia, em 23 de

setembro de 2016 o governo de Barack Obama anunciou que endureceria o controle migratório e passaria a deportar os migrantes indocumentados. De fato, as detenções de haitianos nos Estados Unidos, que seguiam uma tendência geral de diminuição na década de 2010, voltaram a crescer em 2016 como resultado do fluxo proveniente do Brasil (GARBEY-BUREY, 2017).

A particularidade desse ano em relação com outros eventos, é que os próprios haitianos se apresentavam nas oficinas de imigração de San Isidro, San Diego, no estado da Califórnia. Segundo dados de Semple (2016), de 1 de outubro de 2015 a 4 de setembro de 2016 mais de 5.000 haitianos sem vistos se apresentaram diante das autoridades de migração (GARBEY-BUREY, 2017, p. 104) [Tradução nossa].

Entretanto, entre o Brasil e os Estados Unidos um largo caminho se interpunha, tendo em vista a impossibilidade de ingressar no país de maneira indocumentada pelos aeroportos. Assim, milhares de haitianos passaram a fazer o trajeto de volta pelo mesmo lugar por onde entraram, as fronteiras da região norte do país, principalmente com o Peru, no estado do Acre. Partindo de diversos estados do Brasil, durante o ano de 2016, os haitianos implementaram uma difícil e longa viagem em direção à América do Norte, cruzando fronteiras de muitos países durante vários meses, como pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 – Mapa das principais rotas dos haitianos do Brasil ao México



Fonte: Rafael Brugnoli Medeiros, com base nos depoimentos, 2019.

Na maioria dos casos, os haitianos dispunham de informações sobre o trajeto, repassadas por familiares ou amigos que haviam migrado antes. Tais informações, transmitidas sobretudo por meio do aplicativo WhatsApp, indicavam que caminhos seguir, em quais cidades parar, a quem buscar ajuda ou contatos de coites em lugares considerados de difícil travessia.

Atualmente, os fluxos de informações são cada vez mais comuns em movimentos migratórios e contribuem para diminuir os riscos e os custos do processo.

Ao entrar no Peru, primeiro país depois de deixar o Brasil, os haitianos sabiam do status indocumentado em que se encontravam e tratavam de ser os mais discretos possíveis, tentativa pouco possível diante de um fluxo frequente de migrantes. Por esse motivo, encontravam-se em situação de vulnerabilidade, já que os roubos e extorsões são comuns nesses casos.

No Peru, tínhamos muita incerteza por sermos ilegais, viajávamos com muita pressão, já que não era somente cuidar-se da polícia, mas também dos ladrões que tratavam de aproveitar-se de nós para roubar nossos pertences, ainda que usássemos diferentes técnicas para guardar o dinheiro que carregávamos desde o Brasil: alguns utilizaram seus sapatos, outros seus desodorantes, outros os sabões e outros truques pessoais (DUBUISSON, 2018, p. 15) [Tradução nossa].

Nos anos iniciais da grande migração haitiana em direção ao Brasil, Equador e Peru se configuraram como importantes países de entrada e de trânsito, respectivamente, já que não exigiam visto para os migrantes haitianos. Por pressão do governo brasileiro, o Peru passou a exigir esse documento em 2012 e o Equador passou a solicitar um visto de turismo obtido por meio virtual a partir de 15 de agosto de 2015. Essas medidas foram respostas ao trânsito de haitianos por seus territórios e tiveram grandes impactos na mobilidade recente, quando esses migrantes fizeram o caminho inverso saindo do Brasil.

Desprovidos de tais documentos, os haitianos frequentemente acionavam coíotes para que sua viagem rumo ao Equador fosse possível. Os agenciamentos em torno da migração indocumentada de haitianos pelo Peru foram analisados por Nieto (2014) quando o fluxo em direção ao Brasil ainda era ativo. Mais uma vez essas redes se reativaram oferecendo suporte para que os migrantes cruzassem o país em direção ao Equador, tendo como pontos importantes as cidades de Puerto Maldonado, Lima e Tumbes. “Nessa fronteira começou o tráfico porque não nos permitiam atravessar o Equador sem um visto (...) e começamos a contatar alguns coíotes que podiam nos ajudar”, relata Dubuisson (2018, p. 15) [Tradução nossa], em seu livro de memórias sobre o trajeto.

De igual maneira, desde que se passou a exigir vistos, o trânsito pelo Equador é mediado pela atuação dos coíotes, na maioria das vezes. Os relatos da imprensa e dos próprios haitianos indicam que a entrada no país se dava pela cidade de Huaquillas, passando por Quito e saindo por Tulcan, na fronteira com a Colômbia. Transitar de maneira autônoma pode diminuir os custos, mas aumenta os riscos, já que não contam com intermediários capazes de negociar em algumas situações. Assim nos conta Willian, um haitiano de 23 anos, natural de Porto Príncipe.

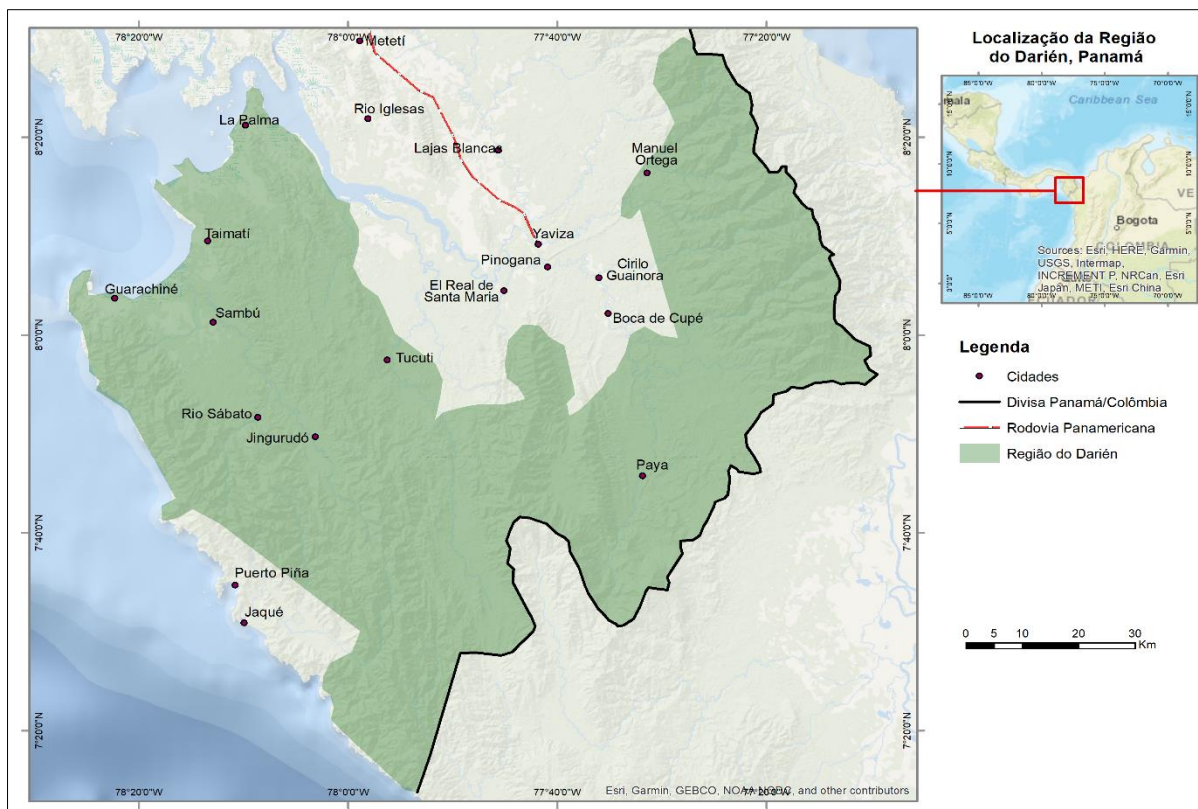
Uma vez, em Equador, eu queria fazer uma trama, eu não queria pagar e fui em um ônibus como se fosse equatoriano e não se pode. Numa parada, a polícia disse ‘todos os negros que estão aí, desçam’, agarrou sua pistola e me preparei para descer, os outros não queriam, mas tivemos que descer.

Na Colômbia, algumas cidades também são pontos estratégicos para os migrantes em trânsito. Apesar de os haitianos terem um salvo-conduto, isto é, uma autorização legal para cruzar o país em até 30 dias, muitos contratavam os serviços dos coiotes para que a locomoção fosse a mais rápida possível. Por esse motivo, nas cidades de Ipiales, Medellín e Turbo, esses agenciamentos acionavam-se e a concentração de migrantes tornava-se mais visível. Na última cidade, o fluxo da migração haitiana juntava-se ao fluxo da migração cubana, que desde o ano de 2015 intensificou seu trânsito pelo norte da Colômbia em direção ao Panamá.

De acordo com Garbey-Burey (2017), uma das estratégias dos haitianos em seu trânsito para os Estados Unidos foi o contato com os cubanos e a utilização das suas redes, já que estes haviam iniciado o cruze fronteiro entre Colômbia e Panamá meses antes. Segundo a autora, desde os meses finais de 2015 a presença haitiana passou a ser notada entre os grupos de cubanos. Entretanto, a magnitude do fenômeno ficou conhecida em 2016, quando o número de haitianos superou o de cubanos no país, chegando a quase 4.000 no primeiro trimestre (REVISTA SEMANA, 2016).

Da cidade de Turbo, no norte da Colômbia, haitianos, cubanos e migrantes de outras nacionalidades, que iam se incorporando aos grupos em trânsito, partiam de lancha para Capurganá, quase na fronteira com o Panamá, onde iniciariam a parte mais difícil do trajeto, segundo a maioria dos relatos, o “*Tapón del Darién*”, a praticamente intransponível floresta que separa a América do Sul da América Central (Figura 2). De acordo com os próprios migrantes, a estratégia de cruzar pela floresta tinha como objetivo dificultar as detenções e possíveis deportações, mas tratava-se sobretudo do caminho traçado pelos coiotes. Em muitos casos, foram abandonados e tiveram que fazer o desconhecido caminho por conta própria. “Depois de cruzarem a fronteira com o Panamá, eles arriscam suas vidas e caminham por oito dias para atravessar o Darién, uma área de selva na qual eles enfrentam riscos como serem vítimas de grupos criminosas”. (EL TIEMPO, 2016) [Tradução nossa].

Figura 2- Mapa de localização da Floresta do Darién, Panamá



Fonte: Rafael Brugnoli Medeiros, 2019.

A selva do Darién é uma zona de floresta densa com mais de 8.000 Km² entre a Colômbia e Panamá. O único trecho de descontinuidade da estrada Panamericana que liga o Alaska à Argentina. Transitar pela área é arriscar-se diante de animais ferozes, narcotraficantes e rios de difícil travessia. Muitos migrantes já perderam a vida por afogamento ou exaustão física, conforme diversos relatos de sobreviventes.

As informações repassadas por aqueles que conseguiram vencer essa etapa do trajeto foram bastante utilizadas pelos haitianos que seguiam o caminho. O uso do WhatsApp permitiu a circulação de dicas que contribuíram para diminuir os riscos e aumentar as chances de realizar a travessia.

Não ignorávamos as ameaças do lugar. Sabíamos de antemão que, se não o fizéssemos, não sobreviveríamos e, como resultado, não atingiríamos o seguinte destino: o Panamá. Escutamos o conselho de nossos amigos que já haviam feito o trajeto, nos explicaram que tínhamos que ir com paciência, senão, não íamos sair com vida daí devido às múltiplas contingências (DUBUISSON, 2018, p. 31) [Tradução nossa].

Wilian, outro haitiano que atravessou a floresta, relata,

Caminha-se por cinco dias entre Colômbia e Panamá com um coite, sem saber para onde estar indo. O que mais me marcou desse trajeto foi encontrar uma mulher com

uma criança no rio e, ao cruzar, a criança foi levada pelas águas. Vivemos muito sofrimento, nesse caminho vi gente morta, eu sabia que isso poderia passar e eu pedi forças e a motivação a Deus para superar essas coisas.

Depois de dias de caminhada pela floresta, a maioria dos migrantes se dirigiam a um precário abrigo administrado pelo governo Panamenho no município de Metetí, ainda na província do Darién. Nesse local eram aplicadas vacinas e alguns cuidados médicos paliativos. De acordo com os relatos, aí permaneciam por vários dias até a administração local os transportarem para a fronteira com Costa Rica, de onde seguiam viagem por conta própria. Os testemunhos dos migrantes afirmam que a permanência no local é obrigatória, a comida é escassa e as condições de higiene bastante precárias. “Estávamos sob o controle militar todos os dias e novamente sem nenhum direito”, afirma Dubuisson (2018, p. 85) [Tradução nossa].

Os que não contavam com recursos suficientes para seguir viagem permaneciam no país, na capital ou na fronteira norte, à espera que algum familiar lhe enviasse dinheiro, mas a maioria continuava o percurso. A entrada na Costa Rica ocorria principalmente pela cidade de Paso Canoas, com paradas na capital San José antes de seguir para La Cruz, na fronteira norte, onde o governo instalou um albergue que serviu como principal ponto de apoio dos migrantes em trânsito pelo país em 2016. Até o final daquele ano, cerca de 18.000 haitianos haviam deixado o país em direção à Nicarágua, de acordo com Cambroner (2016), cruzando pela localidade de Peñas Blancas.

A política de fronteiras abertas da Costa Rica é ressaltada na maioria dos relatos dos migrantes haitianos, situação diferente da que encontraram na Nicarágua, já que, desde novembro de 2015, o país fechou suas fronteiras em resposta à crescente migração cubana. Desde então, os migrantes indocumentados passaram a contar com serviços de coites na tentativa de cruzar o país pelo interior ou pela costa. A decisão do governo da Nicarágua, ao invés de diminuir a migração indocumentada, contribuiu para que as redes de tráfico de pessoas intensificassem suas ações, expondo os migrantes à extorsões, roubos e violações diversas.

De acordo com Garbey-Burey (2017), os gastos com coites na Nicarágua representavam até um terço do total gasto na viagem. O pagamento de valores que variavam de 500 a 1.300 dólares não significava necessariamente o sucesso da travessia. Em muitos casos, migrantes foram detidos e retornados para a Costa Rica com a perda do dinheiro investido. Além disso, a clandestinidade da situação expunha os migrantes aos mais diversos riscos, inclusive de morte, como aconteceu com um grupo de cinco haitianos e cinco migrantes de outras nacionalidades que morreram afogados no lago Cocibolca em agosto de 2016 (QUINTERO, 2016).

A fronteira entre Costa Rica e Nicarágua se converteu em um ponto de parada obrigatória para os migrantes, devido às restrições impostas pelo governo nicaraguense. Consequentemente, aí se localizam coiotes que viabilizam viagens clandestinas até a fronteira com Honduras.

Os coiotes na floresta tinham mercenários, que se encarregavam de roubar as pessoas e violar as mulheres, levando tudo de valor. Uma das esposas dos malfeitores – que era haitiana, investigava os haitianos para saber quais tinham mais dinheiro e assaltar no caminho, ameaçá-los e roubar seus pertences. Alguns grupos sofriam mais que outros. Muito mais pessoas não chegaram a Honduras e por isso tiveram que regresar à Costa Rica (DUBUISSON, 2018, p. 106) [Tradução nossa].

De acordo com Bessi (2017), na Nicarágua, os migrantes têm sido alvo de extorsões, roubos, sequestros e até mesmo assassinatos, quando não podem pagar os valores que lhes são pedidos. Os que conseguem atravessar a fronteira e seguir seu passo pelo país enfrentam as dificuldades de apoio, já que a ajuda aos migrantes é criminalizada, de acordo com a Lei n. 240/1996 - *ley de control de tráfico de migrantes ilegales*.

Ao entrarem pela fronteira de Guasaule e se dirigir para a cidade de Choluteca, no sul de Honduras, os migrantes, beneficiados com um visto de trânsito de cinco dias, quase nunca permaneciam no país. Considerando os planos de chegar aos Estados Unidos o mais rápido possível, a permanência em algum ponto do caminho se dava apenas de maneira forçada por detenções, por falta de dinheiro ou por estratégias dos coiotes que organizavam as travessias ilegais. Desse modo, os relatos dos haitianos apontam Honduras como um país de passagem rápida, de um ou dois dias, saindo quase sempre pela fronteira de Águas Calientes.

Na Guatemala, a maioria das entradas de migrantes se dava pelo departamento de Chiquimula, no sul, onde foram realizadas detenções de haitianos, congolese, senegaleses, angolanos e de outras nacionalidades em várias ocasiões. Apesar disso, os relatos afirmam que se não desejam permanecer no país, a travessia se dá de maneira relativamente tranquila por ônibus que lhes levam até a fronteira com o México, no estado de Chiapas. Ao cruzar a fronteira, os haitianos se dirigiam para a cidade de Tapachula para se apresentarem ao *Instituto Nacional de Inmigración* e obter um visto de trânsito de vinte dias.

Com o documento em mãos – que passou a ser concedido inicialmente aos cubanos em 2015 como alternativa mais prática e econômica frente à deportação – os haitianos e migrantes de outras nacionalidades se deslocavam quase sempre de ônibus para a fronteira norte do país, sobretudo para a cidade de Tijuana, onde acreditavam ser mais fácil atravessar para os Estados Unidos, se apresentarem às autoridades migratórias daquele país e pedirem acolhida humanitária. Em viagens que duravam entre três e quatro dias e custavam entre 1.200 e 1.500

pesos mexicanos, os haitianos viajavam de maneira autônoma do sul ao norte do México e quase nunca acionavam as redes de apoio no caminho, como abrigos e albergues destinados aos migrantes.

Todavia, a grande quantidade de haitianos em Tijuana a partir de maio de 2016 e, conseqüentemente, a maior espera no atendimento nas oficinas de migração de San Isidro e San Diego, na Califórnia, resultaram na diversificação das rotas para as cidades mexicanas de Mexicali e Nogales, em outubro do mesmo ano (GARBEY-BUREY, 2017). Mais uma vez, os contatos mantidos com migrantes anteriores propiciaram informações válidas nas definições das rotas e na formulação de estratégias migratórias com o objetivo de um atravessamento mais rápido para os Estados Unidos.

4 Tijuana: de local de passagem a destino

Seguindo o caminho aberto pelos cubanos em seus trânsitos pela América Central e México, milhares de haitianos chegaram no estado mexicano da Baja Califórnia a partir de março de 2016, principalmente na cidade de Tijuana, na fronteira com os Estados Unidos. Suas expectativas eram apresentarem-se às autoridades migratórias dos Estados Unidos e beneficiarem-se da acolhida proporcionada pelo TPS. De fato, até setembro de 2016, cerca de 5.000 haitianos conseguiram entrada no país (GARBEY-BUREY, 2017). Por esse motivo, desejavam chegar à fronteira ainda durante aquele ano, prevendo mudanças na política migratória estadunidense diante da possibilidade de eleição de Donald Trump.

Entretanto, em 22 de setembro de 2016, o governo de Barack Obama anunciou restrições à entrada de haitianos e as deportações passaram a ser mais frequentes. Com a limitação de entradas nos Estados Unidos e a crescente chegada de haitianos, a cidade de Tijuana vivenciou um fluxo desconhecido até então. Apesar de ser uma cidade marcada pelo frequente trânsito de migrantes mexicanos e centro-americanos, a presença dos haitianos por vários meses alterou a rotina dos locais de abrigo temporário e motivou o surgimento de outros.

A chegada massiva de haitianos no estado da Baja Califórnia fomentou uma rede de acolhida como o Comitê Estratégico de Ajuda Humanitária, albergues temporários e abrigos em igrejas. Em meados de 2016 existiam 14 albergues em Tijuana, saltando para 30 em 2017. À medida que as chegadas aumentavam, os tradicionais albergues saturavam sua capacidade de acolhida e muitos que atendiam especificamente a população deportada tiveram que abrir suas portas para o novo fluxo (NAVARRO, 2018).

Inicialmente, aqueles que ainda dispunham de algum recurso buscavam hospedagem em hotéis baratos no centro da cidade. A grande maioria, entretanto, depois de meses de viagem acompanhados de extorsões e roubos, procuravam os albergues mais conhecidos como a “Casa do Migrante” e o “*Desayunador Padre Chava*” que atendiam principalmente migrantes deportados. Com limitada capacidade de atendimento e aumento no número de chegadas, esses espaços foram incapazes de abrigar um fluxo muito grande em meados de 2016 e muitos migrantes passaram noites nas ruas até que novos espaços pudessem acolhê-los, como observado na figura 3.

Figura 3 - Haitianos dormindo na rua



Fonte: *Desinformémonos*, 2016.

Um dos novos espaços de acolhimento dos haitianos foi o Templo Embaixadores de Jesus, uma igreja evangélica que chegou a atender mais de 7.000 deles durante os anos de 2016 e 2017. Mesmo sem dispor de estrutura de acolhimento, essa igreja tornou-se o ponto central dos recém-chegados e estima-se que pelo menos metade dos haitianos em Tijuana passou alguma noite nele. Por esse motivo, o local passou a ser chamado de “*Little Haiti*”. Aí, por iniciativa da igreja, foram construídas oito casas para famílias haitianas em 2016 e o projeto de ampliação foi interrompido por estar em uma área de risco ambiental.

Com as maiores dificuldades de atravessar para os Estados Unidos, a imaginada estadia temporária passou a ser cada vez mais permanente e a cidade que seria uma sala de espera se converteu em um novo lar. As demandas emergenciais de abrigo e alimentação foram se transformando em outras mais articuladas e duradouras, como regularização do status migratório no México, mediação para o mercado de trabalho, ensino de espanhol e preparação para exames universitários.

Como parte da rede de apoio, uma associação civil intitulada *Espacio Migrante*, fundada em 2015, começou a oferecer cursos de informática no *Desayunador Padre Chava* e depois organizou aulas de espanhol em espaço próprio. Com a ajuda de colaboradores, seguiu dando aulas preparatórias para exames universitários. Atualmente essa organização mantém os maiores laços com os haitianos, promovendo eventos culturais e oferecendo assessoria jurídica em alguns casos.

Impedidos de cruzar, grande parte dos haitianos abandonaram, ao menos provisoriamente, o sonho americano e decidiu permanecer no México. Do visto temporário, passaram a obter permanência para trabalho ou visto humanitário e, em alguns casos, visto de refugiados. Parte está empregada nas maquilas, indústrias estadunidenses que desde meados dos anos 1960 começaram a se instalar no norte do México. Há também muitos vendedores ambulantes e comércios particulares, como os tradicionais restaurantes haitianos (figura 4) e salões de beleza, visíveis nas ruas do centro da cidade e que se converteram nos novos pontos de encontro dessa nascente comunidade.

Figura 4 – Restaurante haitiano em Tijuana, México



Fonte: Próprio autor, 2018.

De acordo com dados do El Colef (2018), quase 20 mil haitianos entraram no México entre os anos de 2016 e 2017. Apenas em 2016, ano de maior afluxo, foram 17.078, o que comprova que a migração de haitianos em direção a esse país diminuiu nos anos seguintes, em parte como consequência das restrições de ingresso nos Estados Unidos. Em pesquisa realizada nos albergues de Tijuana durante o ano de 2017, a mesma instituição observou que nove de cada dez haitianos era procedente do Brasil e em menor medida do Chile, Venezuela e Equador.

Cerca de 50% deles viveram de 1 a 3 anos no Brasil e 13% menos de um ano, o que pode indicar a baixa capacidade de economizar e a maior necessidade de ajuda familiar, o que de fato foi relatado nas entrevistas.

Do total de haitianos que entraram no México, parte conseguiu ingressar legalmente nos Estados Unidos, principalmente mulheres e crianças, outra foi deportada para o Haiti depois de tentativas de entrada indocumentada e outros permaneceram no México. As associações locais de haitianos estimam que cerca de 4 mil deles residam atualmente no estado da Baja Califórnia, 75% em Tijuana e 25% em Mexicali. Observa-se nessas cidades, um relativo grau de integração com os mexicanos, inclusive com a existência de casamentos mistos e o nascimento de crianças provenientes dessas uniões.

Robert, 32 anos, natural de Gonaïves, comenta que se sente mais integrado no México do que no Brasil, onde o racismo marcava uma diferença entre brasileiros e haitianos.

Éramos vistos como estranhos, nenhum sinal de igualdade. Em Pato Branco, [cidade brasileira no estado do Paraná] cruzavam a rua para não nos encontrar. Muitas vezes, quando as mulheres nos percebiam na mesma calçada, atravessavam para o outro lado para não nos olhar de frente. Nos ônibus, não sentavam ao nosso lado, todo haitiano sabia disso (...). Eu amo o Brasil, mas tenho que te falar que o racismo é muito grande. Me sinto mais integrado aqui. Brasil não nos vê como seres humanos de verdade. Como alguém que tem planos, metas, não há igualdade.

Nos anos de 2017 e 2018, embora em pequena quantidade, começaram a chegar haitianos diretamente do Haiti, beneficiados pelas redes familiares que se estabeleceram no México. Como consequência, aumentou o número de jovens, mulheres e crianças que se deslocaram para encontrar familiares em Tijuana. Alguns buscam meios de iniciar ou continuar seus estudos, demonstrando que essa migração não é unicamente laboral. De acordo com as entrevistas realizadas e com as informações de Garbey-Burey (2017), Acosta e Esquivel (2017) e El Colef (2018), embora um número significativo de haitianos tenha mudado seus planos e desejem permanecer no México, há ainda aqueles que contam com uma improvável mudança na política migratória estadunidense, como é o caso de Kenedy, 30 anos, natural de Cabo Haitiano, “só estou aqui para cruzar um dia. Vou esperar minha família para isso”.

5 Considerações finais

Os haitianos têm implementado uma grande mobilidade espacial nas décadas iniciais do século XXI como alternativa às precárias condições de vida enfrentadas em seu país. Em verdade, a migração internacional de haitianos é um processo de longa data, mas diversificou

seus destinos e complexificou suas estratégias de trânsito, em grande parte valendo-se das redes sociais sustentadas pela grande quantidade de haitianos fora do país.

Como estratégia de diversificação dos destinos e ampliação das possibilidades de ascensão social, milhares de haitianos passaram a migrar para o Brasil, principalmente a partir do ano de 2010, incorporando esse país ao espaço migratório haitiano. Contudo, a desaceleração econômica vivenciada pelo Brasil a partir de 2015 afetou diretamente setores da economia que empregavam grande contingente de mão de obra haitiana. Com poucas alternativas, muitos refizeram projetos migratórios e seguiram em direção aos Estados Unidos, cruzando fronteiras terrestres de vários países da América do Sul, da América Central e do Norte.

Para empreender sua mobilidade em territórios tão amplos e diversificados, os haitianos utilizaram estratégias de trânsito que foram propagadas sobretudo pelo uso das redes sociais, em destaque para o aplicativo WhatsApp. Os relatos desses migrantes indicam que grande parte das informações necessárias ao atravessamento de tantos países foram repassadas por migrantes anteriores através da comunicação virtual. Por meio de mensagens, se informavam quais rotas eram mais curtas ou seguras, onde se encontravam abrigos ou locais de hospedagem barata, como acionar coites e quanto lhes deveriam pagar. Também obtinham informações sobre os possíveis impedimentos e ações para contorná-los.

A investigação apontou que muitos haitianos passaram a utilizar rotas que os cubanos abriram anos antes, principalmente no Equador, Colômbia e Panamá. O contato com migrantes cubanos e africanos de várias nacionalidades, incluindo República do Congo, Somália, Eritreia e Sudão, também influenciou nos discursos acerca das possibilidades legais de acolhida nos Estados Unidos, a exemplo do pedido de refúgio, como estratégia de impedimento da deportação. Dessa maneira, os haitianos utilizavam tanto de informações de migrantes conacionais anteriores bem como de migrantes de outras nacionalidades que faziam o mesmo trajeto para diminuir os custos e os riscos das travessias.

Depois de utilizarem informações e recursos propiciados por amigos e familiares, principalmente fora do Haiti, parte desses migrantes conseguiu chegar aos Estados Unidos em meados de 2016. Contudo, a entrada de milhares de haitianos no território estadunidense fomentou uma mudança na política migratória em setembro daquele ano, dificultando a acolhida humanitária baseada no TPS e iniciando um processo de detenções e deportações. Essas ações contribuíram para que grande parte desses migrantes permanecessem nas cidades fronteiriças do estado mexicano de Baja Califórnia, sobretudo na cidade de Tijuana.

Impossibilitados de cruzarem a fronteira entre México e Estados Unidos, cerca de 4 mil haitianos residem atualmente nas cidades de Tijuana e Mexicali, onde começam a formar uma comunidade com associações, espaços de convívio e propiciam as bases para a acolhida de novos migrantes. A maioria atualmente porta um visto humanitário ou um visto de trabalho com o quais refazem seus planos de permanência no México ou esperam poder cruzar diante de uma improvável mudança na política migratória dos Estados Unidos.

Referências

ACOSTA, R. A.; ESQUIVEL, C. O. Los haitianos solicitantes de asilo a Estados Unidos en su paso por Tijuana. **Fronteira Norte**. 2017. Vol. 29, N. 58. p. 171-179.

ALARCÓN, M. B. Los Haitianos em Ecuador: una aproximación desde el acceso a derechos. In: PEDEMONTTE, N. R. e KOEHLIN, J. (eds.). **Migración Haitiana Hacia Sur Andino**. Santiago: SJM, 2017. p. 15-40.

BESSI, R. Centroamérica: el corredor invisibilizado de la migración. **Avispa Mídia**. 2017. Disponível em: <<https://avispa.org/centroamerica-el-corredor-invisibilizado-de-la-migracion/>>. Acesso em: 26 jan. 2019.

CAMBRONERO, N. 18.000 haitianos dejan país y se exponen a riesgos en Nicaragua. **La nación**. 2016. Disponível em: <<https://www.nacion.com/el-pais/politica/18-000-haitianos-dejan-pais-y-se-exponen-a-riesgos-en-nicaragua/ULDZARTNARCMTMKWT4ZBYFA5RE/story/>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

CAVALCANTI, L. et al. (Orgs.). A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. **Relatório Anual 2017**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília: OBMigra, 2017.

DESINFORMEMONOS. **Diariamente llegan a México 300 haitianos en busca de alcanzar Estados Unidos**. 2016. Disponível em: <<https://desinformemonos.org/diariamente-llegan-a-mexico-300-haitianos-en-busca-de-alcanzar-estados-unidos/>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

DUBUISSON, P. U. **Sobreviventes**: ciudadanos del mundo. Tijuana: Ediciones ILCSA, 2018.

DURAND, J. De Brasil a Tijuana. **La Jornada**, 2016. Disponível em: <<https://www.jornada.com.mx/2016/10/02/opinion/020a1pol#>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

_____. Nueva Ordem de Expulsión de Migrantes. **La Jornada**, 2017. Disponível em: <<https://www.jornada.com.mx/2017/11/26/opinion/023a2pol>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

EL COLEF. **Migrantes haitianos y centroamericanos en Tijuana, Baja California, 2016-2017**. Políticas gubernamentales y acciones de la sociedad civil. Tijuana: El Colef e CNDH México, 2018.

EL TIEMPO. **La travesía de migrantes haitianos en Colombia**. 2016. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/colombia/otras-ciudades/inmigrantes-haitianos-en-colombia-36337>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

GARBEY-BUREY, R. M. Estrategias migratorias en el tránsito de emigrantes haitianos hacia Estados Unidos. **Huellas de la Migración**, vol. 2 n. 4, 2017. p. 93-123.

GLICK-SCHILLER, N. e FOURON, G. E. Terrains of blood and nation: Haitian transnational social fields. **Ethnic and Racial Studies**. 22:2, 1999. p. 340-366.

HANDERSON, J. **Diaspora**. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015.

JESUS, A. D. de. Redes da Migração Haitiana no Mato Grosso do Sul. **Anais do XII Encontro Nacional da ANPEGE**, 2017. p. 13034-3045. Disponível em: <<http://www.enanpege.ggf.br/2017/anais/arquivos/GT%2044/262.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

MASSEY, D. S. et al. Teorías de Migración Internacional: una revisión y aproximación. Tradução de Augusto Aguilar Calahorra. In: **Revista de Derecho Constitucional Europeo**. N. 10. 2008. p. 435-478.

NAVARRO, K. **Migrantes haitianos, un parteaguas en la organización ciudadana de Tijuana**. 2018. Disponível em: <<http://www.conacytprensa.mx/index.php/ciencia/humanidades/22276-migrantes-haitianos-organizacion-tijuana>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

NICARÁGUA. **Lei n. 240/1996** - Ley de Control de Tráfico de Migrantes Ilegales.

NIETO, C. **Migración haitiana a Brasil: redes migratorias y espacio social transnacional**. 1ª ed. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

OIM – Organização Internacional para as Migrações. **Informe sobre las migraciones en el mundo 2018**. Ginebra: OIM, 2018.

PEDEMONTE, N. R., AMODE, N.; VÁSQUEZ, J. Migración Haitiana Hacia Chile: origen y aterrizaje de nuevos proyectos migratorios. In: PEDEMONTE, N. R.; KOEHLIN, J. (eds.). **Migración Haitiana Hacia Sur Andino**. Santiago: SJM, 2017. p. 65-162.

QUINTERO, L. **Lágrimas haitianas llegan al Cocibolca**. 2016. Disponível em: <<https://www.elnuevodiario.com.ni/nacionales/400253-lagrimas-haitianas-llegan-cocibolca/>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

RAMELLA, F. Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios. In: BJERG, M.; OTERO, H. (Orgs.). **Inmigración y redes sociales en la Argentina**. Buenos Aires: CEMLA Moderna, 1995. p. 9-21.

REVISTA SEMANA. **La crisis de casi 4.000 migrantes haitianos que llegaron a Colombia**. 2016. Disponível em: <<https://www.semana.com/nacion/articulo/en-2016-han-llegado-a-colombia-casi-4000-haitianos-que-pretendian-llegar-a-estados-unidos/484280>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

SETIÉN, I. B. Los Flujos Migratorios Mixtos en Tránsito Por Peru: un desafío para el Estado. In: PEDEMONTE, N. R. e KOEHLIN, J. (eds.). **Migración Haitiana Hacia Sur Andino**. Santiago: SJM, 2017. p. 41-63.

SOARES, W. Rede Migratória. In: CAVALCANTI, L. *et al* (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017. p. 612-615.